



GT 07. Antropologia da Técnica

Coordenador(es):

Jeremy Paul Jean Loup Deturche (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Júlia Dias Escobar Brussi (UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará)

Sessão 1

Debatedor/a: Carlos Emanuel Sautchuk (UnB)

Sessão 2

Debatedor/a: Eduardo Di Deus (UNB - Universidade de Brasília)

Sessão 3

Debatedor/a: Fabio Mura (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

A 4ª edição deste GT busca dar continuidade às reflexões e discussões iniciadas na 29ª RBA, além de seguir contribuindo para a ampliação do interesse pelo tema e a consolidação desta área de estudos na antropologia brasileira. Quando tratamos de técnica no sentido maussiano, como « ato tradicional eficaz », é necessário, seguindo Sigaut, sempre lembrar que não temos acesso direto às técnicas em si. O que vemos são pessoas fazendo coisas. Nesse sentido, este GT tem um interesse particular nas mais diversas práticas e fazeres, que implicam na interação entre humanos e não-humanos (artefatos, plantas, animais, minerais e ambiente de modo geral) e envolvem habilidades, escolhas, hierarquias e transformações. Tais fazeres parecem ser uma chave importante para o entendimento das diferentes formas de se « estar no mundo », não dentro de uma ótica estritamente materialista, mas na perspectiva da produção de conhecimento, ou do habitar o mundo. A partir de uma abordagem dos processos técnicos se busca apreender como « se pensa com a mãos » e refletir sobre esses fazeres em sua dimensão social, inseridos em composições sociotécnicas e políticas complexas. Considera-se, assim, de grande relevância os trabalhos que dialoguem com essas temáticas e que privilegiem aspectos etnográficos e análise descritivas de processos técnicos.

Mãos Cérebro Coração: Materiais, Corpo e Técnica no Ofício da Montagem Cinematográfica

Autoria: Pedro Afonso Branco Ramos Pinto (UNB - Universidade de Brasília)

?I think editors don't get a lot written about them because it's not easy to explain what we do?, relata a montadora Anne Coates. ?It's what we feel. An instinct?. Como, então, estudar o work de montagem a partir de uma ótica da antropologia da técnica? Começo considerando o lugar da técnica no exercício de um ofício cuja maestria depende, segundo muitos praticantes e estudiosos, menos de conhecimentos teóricos ou de um grau satisfatório de desenvoltura no manuseio de ferramentas do que da disponibilidade de um conjunto de qualidades e talentos tidos, em diferentes medidas, como inatos. Para resolver essa dicotomia, estudo a prática de montagem a partir da noção de "skill" (Ingold 2000; 2001), que aponta para o encontro entre ?de um lado? uma gama de materiais que, longe de serem inertes e infinitamente maleáveis, ?have properties of their own and are not predisposed to fall into the shapes and configurations required of them? (Ingold & Hallam 2007:4), e ?de outro? pessoas empenhadas em lançar mão do máximo de habilidades e aptidões na tentativa de persuadir esses materiais a fazerem o que elas querem que eles façam. Entre montadores, diz-se frequentemente que os materiais fílmicos são imbuídos de vontade própria durante seu percurso de transformação em filme: ?experienced editors talk about the material telling them how it wants to be edited? (LoBrutto 2012:66). Seguindo esta linha, proponho uma reflexão centrada na ideia de que as qualidades dos



materiais fílmicos não lhes são intrínsecas, mas emergem relacionalmente durante o processo de montagem (Ingold 2007). Uma apreciação etnográfica do work de montagem indica que este compreende um emprego mais ou menos disciplinado do corpo e se desenrola, portanto, em estreita relação com suas potências e limitações singulares. Como aponta a montadora Carol Littleton, "I'm not a computer. But I do manipulate the film with my hands and my brain and my heart?". Este estudo do ofício do montador me leva a sugerir que há uma certa postura (Bertou 2008) em relação ao work de montagem capaz de o imbuir de potencial educativo e, portanto, antropológico (Ingold 2018). Para citar o montador Ricardo Pretti, "a montagem não se resume a uma manipulação de imagens e sons, ela é antes uma educação com imagens e sons em constante fluxo, onde nunca se sabe exatamente o ponto de partida e nem o ponto de chegada?". Durante o processo de montagem, o montador é convocado a embarcar prática, intelectual e afetivamente "com suas mãos, seu cérebro e seu coração" em linhas de inquérito fundamentalmente abertas e especulativas através da correspondência (Ingold 2016) com os materiais fílmicos e, por intermédio deles, com o mundo e a flagrante infinidade de suas possibilidades.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: